

A lateral pós-vocálica no português de Londrina: análise variacionista e estrutura silábica

Laura Helena Hahn

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Laura Rosane Quednau

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS



RESUMO – O presente trabalho pretende analisar, a partir das perspectivas variacionista e fonológica, a realização variável da lateral pós-vocálica e está vinculado a um projeto maior intitulado “Realização variável da lateral pós-vocálica no português do sul do Brasil e seu condicionamento prosódico”. No português brasileiro, a lateral em posição de final de sílaba é realizada de forma variável como /l/ alveolar, /l/ velar ou [w] (variante vocalizada). A literatura mostra que essa variação ocorre em função de condicionantes tanto sociais quanto lingüísticos. O *corpus* desse estudo foi coletado em entrevistas de 8 informantes (homens e mulheres, com mais ou menos de 50 anos e com escolaridade primária ou secundária) da cidade de Londrina, Paraná. Entre as variáveis selecionadas pelo programa computacional VARBRUL 2000 estão *contexto precedente* e *fronteira de morfema*. Conforme os resultados estatísticos obtidos neste estudo, há uma predominância da vocalização. Uma das possíveis explicações para a variação em pauta seria a estrutura silábica do Português Brasileiro. Há propostas que afirmam que a lateral pós-vocálica estaria na coda da sílaba e há outras que dizem que a lateral está no núcleo silábico, devido à facilidade com que esta se torna vocalizada. O nosso objetivo é discutir essas propostas, verificando qual delas se mostra mais adequada.

Palavras-chave – lateral pós-vocálica; variação; estrutura silábica.

ABSTRACT – This paper aims to analyse, from the sociolinguistic and phonological perspectives, the variable pronunciation of the post-vocalic lateral. Our research is part of a major project named “Realização variável da lateral pós-vocálica no português do sul do Brasil e seu condicionamento prosódico” (Variable realization of the post-vocalic lateral in south Brazilian Portuguese and its prosodic conditioning). In the Brazilian Portuguese, the lateral in the syllable final position is variably pronounced as /l/ alveolar, /l/ velar or [w]

(vocalized variant). The literature indicates that this variation occurs due to social and linguistic factors. This study's *corpus* was gathered from interviews of 8 informants (men and women, with more than 50 or less than 50 years old and primary or secondary school level) from Londrina, Paraná. Among the selected variables by VARBRUL 2000 are *precedent context* and *morpheme boundary*. According to the statistic results obtained in this study, there is a predominance of vocalization. One of the possible explanations for such variation would be the syllabic structure of the Brazilian Portuguese. There are proposals that claim that the post-vocalic lateral would be in the syllable coda and there are others that say the lateral is in the syllabic nucleus, due to the ease with which it turns into a semivowel. Our aim is to discuss these proposals, checking which of them seems to be more satisfactory.

Key words – pos-vocalic lateral; variation; syllabic structure.

Introdução

O presente trabalho pretende analisar, a partir das perspectivas variacionista e fonológica, a realização variável da lateral pós-vocálica e está vinculado a um projeto maior intitulado “Realização variável da lateral pós-vocálica no português do sul do Brasil e seu condicionamento prosódico”. A literatura mostra que essa variação ocorre em função de condicionantes tanto sociais quanto lingüísticos. No português brasileiro, a lateral em posição de final de sílaba é realizada de forma variável como /l/ alveolar, velar ou [w] (variante vocalizada).

Pesquisas recentes mostram que a vocalização é praticamente categórica na capital gaúcha, mas mostram também que a lateral velarizada e a lateral alveolar ainda são registradas em outras cidades do sul do país. Dentre essas pesquisas recentes, destacamos as de Quednau (1993), Tasca (1999) e Espiga (2001), as duas primeiras realizadas com dados do Banco VARSUL. Além destas pesquisas de cunho variacionista, a coleta de caráter geolingüístico realizada no âmbito do Projeto Atlas Lingüístico da Região Sul (ALERS) atesta também a permanência das variantes [l] e [ɫ] no Sul do Brasil. A partir dessas pesquisas, podemos reunir um quadro bastante completo, no que se refere à distribuição das variantes no espaço geográfico e à correlação da variação com outros fatores sociais. Uma das contribuições pretendidas pelo nosso projeto de investigação é o preenchimento de algumas lacunas, no que se refere a localidades abrangidas pelo Banco VARSUL, especialmente do Paraná e de Santa Catarina, ainda não estudadas.

1 Análise variacionista

A cidade em estudo, Londrina, localiza-se no norte do Paraná. A fim de organizarmos o *corpus* do nosso trabalho, fizemos, baseados na

teoria variacionista, a audição de oito entrevistas da amostra de Londrina que pertence ao Banco VARSUL. Submetemos, então, os dados coletados à análise estatística dos programas computacionais do pacote VARBRUL.

Os objetivos do presente estudo são:

- apresentar um panorama da realização de /l/ em coda na cidade de Londrina-PR;
- aprofundar a discussão da estrutura silábica implicada na variação da lateral.

Conforme a literatura variacionista, procuramos analisar variáveis lingüísticas e extralingüísticas. Para tanto, ao selecionar as entrevistas a serem ouvidas, levamos em consideração o sexo, a idade e a escolaridade dos informantes. Assim, nossos informantes são homens e mulheres com mais ou menos de cinquenta anos e escolaridade primária ou secundária.

O /l/ em posição pós-vocálica pode apresentar-se como [w] (semivogal), conforme determinadas condições lingüísticas e extralingüísticas. Ao rodar os nossos dados no programa computacional MAKE3000, constatamos que 80% das ocorrências são de lateral vocalizada e apenas 20% das ocorrências registram as variáveis velar [ɫ] e alveolar [l].

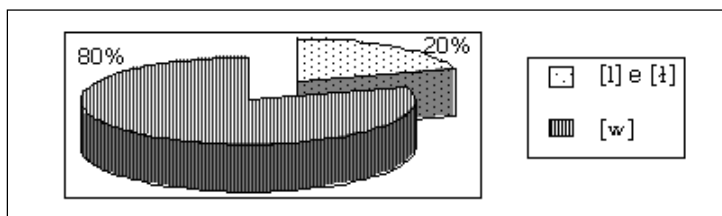


GRÁFICO 1 – Variável dependente

As variáveis lingüísticas que analisamos foram classe de palavra, acento, fronteira de morfema e contextos precedente e seguinte.

Embora consideremos a hipótese de *classe de palavra* não ter influência na variação da lateral pós-vocálica, analisamos os seguintes fatores:

- a) substantivo (N): calçada
- b) substantivo terminado em -al (A): animal
- c) verbo (V): voltar
- d) adjetivos (D): difícil
- e) outros (O): mal

Considerando-se que a *posição do acento* pode ou não influenciar na variação de /l/, analisamos os fatores:

- a) sílaba tônica (T): comercial
- b) sílaba pretônica (E): altura
- c) sílaba postônica (P): fácil
- d) monossílabo (M): mal

Para verificar se a *posição em que se encontra a lateral* influencia na variação, classificamos os dados conforme os fatores:

- a) interior da palavra – raiz (1): alguma
- b) final de palavra – raiz (2): catedral
- c) fronteira de morfema (3): fatalmente
- d) fronteira de palavra em sufixo (4): razoável
- e) fronteira de morfema em sufixo (5): comercialmente

Quanto ao *contexto fonológico precedente*, examinamos as sete vogais, embora posteriormente tenha sido necessário eliminar o fator vogal média-baixa anterior /ε/ do grupo, devido ao *knockout* provocado por 100% de aplicação de vocalização.

- a) vogal alta anterior (I): filme
- b) vogal alta posterior (U): último
- c) vogal média-alta anterior (E): terrível
- d) vogal média-alta posterior (O): bolsa
- e) vogal média-baixa posterior (#): futebol
- f) vogal média-baixa anterior (&): aluguel
- g) vogal baixa (A): assalto

Considerando-se o importante papel que o *contexto seguinte* pode exercer sobre a variação em estudo e ressaltando a possibilidade do fenômeno da ressilabação de /l/ da posição de coda para a de ataque da sílaba seguinte, nós analisamos esse fator conforme os seguintes grupos:

- a) oclusiva alveolar (T): solteiro
- b) labial nasal (M): principalmente
- c) fricativa lábio-dental (F): talvez
- d) fricativa alveolar (S): bolsa
- e) fricativa velar (R): pessoal#rápido
- f) nasal alveolar (N): jornal#nacional
- g) oclusiva labial (P): golpe
- h) vogal (V): pessoal#enjoa
- i) pausa (H): fácil##
- j) líquida (L): tal#lugar
- k) oclusiva velar (K): algodão
- l) fricativa palatal (X): geral#já

Os resultados estatísticos que obtivemos e que descreveremos a seguir são referentes às variáveis selecionadas pelo programa VARB2000.

A primeira variável escolhida como relevante pelo programa foi *contexto fonológico precedente*. De acordo com os resultados da Tabela 1, abaixo, a vogal baixa /a/ é a que mais favorece a aplicação da regra, enquanto as demais vogais apresentam pesos relativos inferiores a .50, o que indica serem fatores que desfavorecem a aplicação da regra. Outra vogal que parece favorecer a vocalização é a média-baixa anterior /ε/, que não fez parte da rodada.

TABELA 1 – Contexto precedente

Fatores	Aplic./Total	Peso relativo	Exemplo
vogal baixa (A)	513/584	0,62	assalto
vogal média-baixa post. (#)	35/46	0,43	futebol
vogal alta anterior (I)	117/149	0,38	filme
vogal média-alta post. (O)	42/73	0,31	bolsa
vogal média-alta anterior (E)	20/25	0,28	terrível
vogal alta posterior (U)	16/55	0,11	último
Total	743/932		

Input 0,86

Na Tabela 2, em relação à *fronteira morfológica*, percebemos que a vocalização da lateral prevalece quando em posição final de vocábulo e em fronteira de palavra em sufixo. Os resultados mostram que a vocalização é menos favorecida quando a lateral se encontra no interior da raiz do vocábulo e em fronteira de morfema e fronteira de morfema em sufixo.

TABELA 2 – Fronteira de morfema

Fatores	Aplic./Total	Peso relativo	Exemplo
fronteira de palavra em sufixo (4)	193/202	0,75	razoável
final de palavra – raiz (2)	280/325	0,58	catedral
fronteira de morfema em sufixo (5)	8/9	0,46	comercialmente
interior da palavra – raiz (1)	242/360	0,32	alguma
fronteira de morfema (3)	20/36	0,19	fatalmente
Total	743/932		

Input 0,86

Estes resultados precisam ser analisados com mais detalhe, pois vemos que a distribuição dos dados nos fatores é bastante desigual, o que sugere que talvez seja interessante fazer novas análises, amalgamando alguns fatores; entretanto, por ora, o que podemos dizer é que, contrariamente às nossas expectativas, o grupo de fatores *fronteira de morfema* foi selecionado.

No gráfico a seguir, temos a última variável selecionada: *informantes*. No eixo vertical temos o peso relativo, que varia entre 0 e 1; no eixo horizontal temos a variável idade, numa escala de 20 a 60. As esferas brancas representam os homens e esferas pretas representam as mulheres, esferas menores que indicam escolaridade primária e esferas maiores que indicam escolaridade secundária; finalmente, as letras que são os códigos usados para cada informante.

Desse gráfico podemos inferir que o informante B aplica a regra de vocalização bem mais que os outros, enquanto o informante W aplica muito menos. Com exceção desses dois extremos, percebemos que as variáveis *sexo*, *idade* e *escolaridade* não exercem muita influência na vocalização da lateral, pois os pesos relativos dos demais informantes variam num intervalo bastante pequeno.

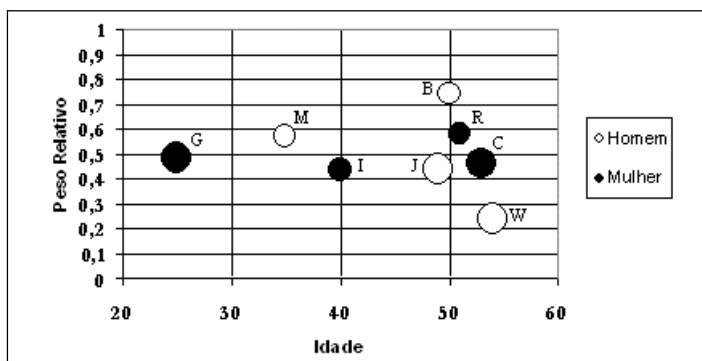


GRÁFICO 2 – Informantes

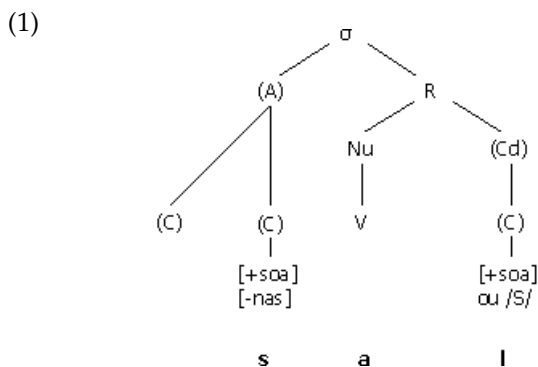
Podemos resumir os resultados dessa investigação da seguinte forma:

1. Constatamos, a partir da análise da variável *contexto fonológico precedente*, que a vogal baixa /a/ é a vogal que mais tende a favorecer a aplicação da regra.
2. Com referência à variável *fronteira morfológica*, percebemos que os fatores que favorecem a vocalização são *fronteira de palavra em sufixo e final de palavra*.

3. A análise da amostra de informantes nos permitiu observar que a realização da lateral em coda como semivogal [w] não se trata de uma mudança em curso, pois esperávamos poder entrever uma linha descendente neste gráfico mas, com os resultados que obtivemos, temos uma linha praticamente reta – o que parece dizer que a mudança já se consolidou há algum tempo.
4. E, por fim, constatamos, a partir da análise dos dados coletados, que a produção da lateral vocalizada é praticamente categórica na cidade de Londrina-PR.

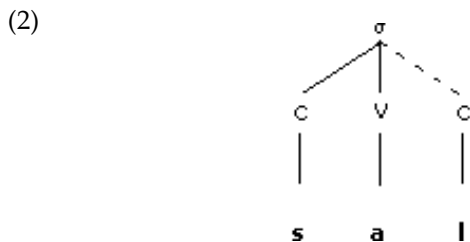
2 Estrutura silábica

A princípio, a questão da representação estrutural da lateral pós-vocálica parece não apresentar nenhuma possibilidade de discussão: a lateral pós-vocálica estaria na coda da sílaba, como interpretam Lopez (1979), Bisol (1999) e Wetzels (1997):



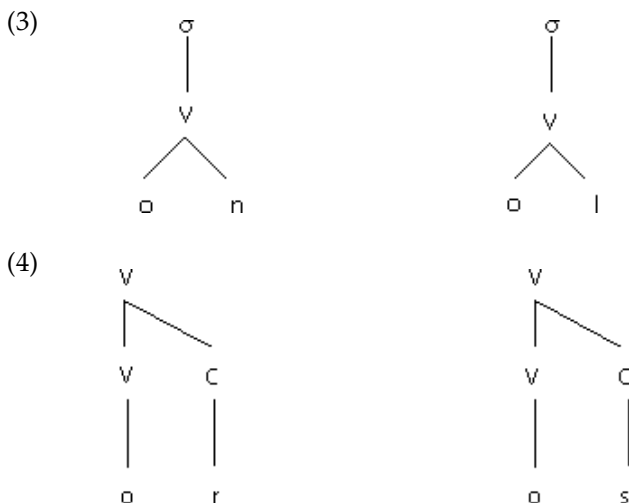
Entretanto, há propostas que dizem que a lateral está no núcleo silábico, justamente pela facilidade com que esta se torna vocalizada.

Uma análise neste sentido é proposta em Girelli (1988), que adota um modelo teórico baseado em *template* (molde). Segundo o autor, o molde não prevê posição de coda e, desta forma, uma seqüência CVC é analisada da seguinte maneira:



Conseqüentemente, a consoante /l/ permanece não associada. Entretanto, um princípio de boa-formação da estrutura silábica estipula que, no nível de superfície, todos os segmentos devem ser associados a um nó silábico. Para que este princípio seja satisfeito, há um conjunto de regras de silabação que se referem aos segmentos não-associados. As regras são *Associe Nasal*, *Associe Líquida* e *Associe Sibilante*.

Para Girelli (1988), uma distinção entre sílabas terminadas em nasal ou /l/ de sílabas terminadas em /r/ e /s/ é que as primeiras têm o segmento nasal ou lateral ligado ao nó V, ao passo que as segundas têm o /r/ ou a sibilante ligados a um nó C, irmão de V, criado por adjunção de V.



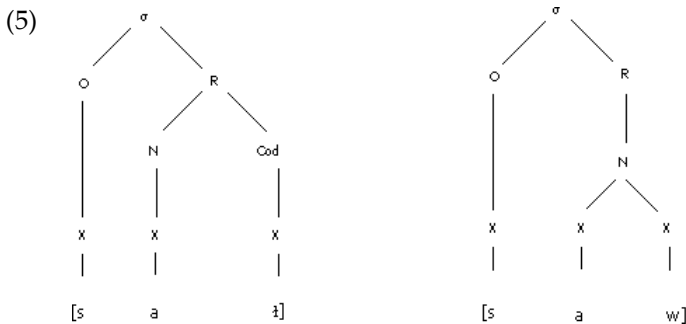
Segundo Girelli (1988) a diferença estrutural é evidenciada pelo fato de que /n/ e /l/ se tornam vocálicos pela nasalização da vogal ou pela criação de um glide velar, ao passo que /r/ e /s/ permanecem consonantais. A análise de Girelli equivale a dizer que /l/ subjacente é associado ao núcleo da sílaba, e não à coda. Entretanto, como veremos a seguir, quando discutirmos a análise de Mateus e D'Andrade, palavras como *perspectiva*, *solstício*, *interstício* podem se manifestar como *pespectiva*, *sostício*, *intestício*, com o deslocamento de S para a primeira posição da coda e apagamento de /r/ ou /l/. Então, nesse caso, /r/ e /l/ teriam o mesmo tratamento quando seguidos de S. Podemos entender, a partir disso, que o mais adequado seria que /l/, /r/ e /s/ estivessem na mesma posição na estrutura silábica (na coda). Não nos deteremos aqui no estudo da posição mais adequada para

/n/, mas acreditamos que este segmento também deva estar na coda, pelos motivos explicitados no final desta seção.

Para Mateus e d'Andrade (2000), as consoantes /r/, /l/ e /s/ são associadas à coda silábica. Porém, para estes autores, a associação à coda se dá somente no nível pós-lexical. A silabação das consoantes em ataque, por sua vez, se dá no léxico (os autores adotam um algoritmo de constituição das sílabas baseado em regras, de aplicação sucessiva, iniciando com a constituição do núcleo). A tese desses autores é que as sílabas do português são basicamente de tipo CV, ainda que o português europeu pareça no nível fonético violar o mais das vezes esse padrão.

De acordo com esta abordagem, todas as regras do léxico serão aplicadas antes que as sílabas estejam completas. Isso acarreta um problema se considerarmos que o peso silábico tem papel na atribuição do acento. Para Mateus e d'Andrade (2000), esta análise é possível visto que consideram que o acento é atribuído com base em informação de constituinte morfológico e não com referência à estrutura fonológica.

Parece inadequado afirmar que a lateral velarizada seja associada à coda no nível pós-lexical e que a semivogal constitua um núcleo ramificado juntamente com a vogal principal, como afirmam os referidos autores, já que estas são variantes do mesmo segmento: /l/ em posição pós-vocálica, que pode se realizar como /l/ alveolar ou velar ou [w] (variante vocalizada).



Entretanto, podemos considerar dois argumentos que reforçariam esta abordagem:

1º O estudo de Quednau (1993) sob a ótica da Fonologia Lexical considera que a vocalização é lexical (pós-cíclica) para os indivíduos que não praticam a variação e pós-lexical para o outro grupo.

Quednau (1993), estudando a variação da lateral pós-vocálica, procura localizar gramaticalmente as regras em estudo, utilizando a proposta de Booij e Rubach (1984) – uma revisão do modelo de Kiparsky

(1982). De acordo com essa proposta, as regras lexicais que atuam no componente lexical podem ser cíclicas, aquelas que são reaplicadas após cada operação de formação de palavra, interagindo com as regras morfológicas de forma direta, e pós-cíclicas, aquelas que não interagem com a morfologia, isto é, são aplicadas quando a palavra está pronta. Já as regras pós-lexicais são aplicadas em sentenças derivadas da sintaxe.

Viu-se que o /l/, em posição pós-vocálica, pode realizar-se como [ʎ] ou [w], ou seja, nessa posição, há uma velarização ou uma vocalização da lateral. Vejamos qual é o componente de aplicação (lexical ou pós-lexical) dessas duas regras.

Verifiquemos, inicialmente, como a velarização e a vocalização se comportam com relação à derivação de palavras; portanto, no componente lexical.

(6) Derivação de palavras (componente lexical)

	so/l/ + -aço
Afix.	so-laço
Silab.	so-la-ço
Velar.	— (sem contexto)
Vocal.	— (sem contexto)
Saída	so[l]aço, mas não *so[ʎ]aço nem *so[w]aço

	ma/l/ + -íssimo
Afix.	malíssimo
Silab.	ma-lí-ssi-mo
Velar.	— (sem contexto)
Vocal.	— (sem contexto)
Saída	ma[l]íssimo, mas não *ma[ʎ]íssimo nem *ma[w]íssimo

Nesse conjunto de exemplos, não se cria contexto para a aplicação das regras de velarização e de vocalização, surgindo, pois, na estrutura de superfície, a lateral alveolar da subjacência. Com efeito, a silabação de palavras no processo de acréscimo de sufixos primários e de sufixos especiais iniciados por vogal coloca a lateral na posição pré-vocálica como [l] alveolar, sua forma original.

Admitindo-se que a composição seja um processo sintático (algumas palavras compostas se localizam no componente lexical e outras no componente pós-lexical), verifiquemos agora a atuação das regras de velarização e de vocalização em um exemplo de palavra composta e outro de frase em que o elemento que segue a lateral é uma vogal. É necessário lembrar que, no componente pós-lexical, ao se combinar uma palavra que termina por lateral com outra que inicia com vogal,

haverá uma ressilabação, colocando a lateral em posição pré-vocálica. Seguem os exemplos:

(7) Palavra composta e frase (componente pós-lexical)

	ma/l/ + educado	
Ressil.	ma-le-du-ca-do	
Velar.	—	(sem contexto)
Vocal.	—	(sem contexto)
Saída	ma[l]educado	

O animal era muito grande.

	anima/l/ + era	
Ressil.	a-ni-ma-le-ra	
Velar.	—	(sem contexto)
Vocal.	—	(sem contexto)
Saída	anima[l]era	

Através desse exemplo, percebe-se que a ressilabação novamente desfaz o contexto de aplicação das regras em estudo, e a lateral, ficando em posição pré-vocálica, realiza-se como alveolar.

Para os indivíduos que produzem formas como *ma-le-du-ca-do* e *a-ni-ma-le-ra* e para os que possuem as variantes [ɫ] ~ [w], as regras de velarização e de vocalização só podem atuar sobre a lateral pós-vocálica que sobrou, a que figura em posição final absoluta e em posição de coda, diante de consoante:

(8) mal	ma[ɫ]	~	ma[w]
maldade	ma[ɫ]dade	~	ma[w]dade
geralmente	gera[ɫ]mente	~	gera[w]mente
mal-me-quer	ma[ɫ]-me-quer	~	ma[w]-me-quer
mil pessoas	mi[ɫ] pessoas	~	mi[w] pessoas

Isso nos leva a supor que as regras de velarização e de vocalização sejam regras pós-lexicais.

Todavia admite-se que haja indivíduos ou comunidades de fala que possuam, na posição pós-vocálica, somente a lateral vocalizada. São indivíduos que têm [w] como forma categórica e que produzem:

(9) ma[w]-educado
anima[w] era

De onde essas formas provêm? Bem, viu-se que a ressilabação que ocorre no componente pós-lexical impede que a regra de vocalização se aplique. Então, essa regra tem de se aplicar necessariamente antes

da ressilabação. Diante disso, admite-se que, nesse caso, a regra se aplique no componente lexical, como segue:

(10) Componente lexical

	ma/l/
Silab.	mal
Voc.	ma[w]
Saída	ma[w]

	anima/l/
Silab.	a-ni-mal
Voc.	anima[w]
Saída	anima[w]

Observe-se que, quando da combinação dessas palavras no componente pós-lexical, a ressilabação e a aplicação da regra de velarização não têm vez, porque a lateral já está vocalizada.

(11) Componente pós-lexical

ma[w]	+	educado	>	ma[w]-educado
anima[w]	+	era	>	anima[w] era

Na interpretação de Quednau (1993), aqueles indivíduos que possuem apenas a variante [w] promovem a vocalização a um status de regra categórica e, portanto, lexical.

Nesse caso, essa regra tem de, necessariamente, ser aplicada no fim do componente lexical, ou seja, depois de completados todos os ciclos, para que se evitem formações incorretas, como **so[w]lção*, **píncel[w]lada*, etc. Para esses indivíduos, a regra de vocalização da lateral pós-vocálica configura-se como lexical pós-cíclica, admitindo-se um componente lexical cíclico e outro pós-cíclico, conforme a proposta de Booij e Rubach (1984).

Portanto, no que tange à posição das regras no sistema de acordo com a linha da Fonologia Lexical, a variação [t] ~ [w] é pós-lexical para os indivíduos que possuem as duas variantes. Esses esperam pela ressilabação que ocorre no componente pós-lexical e só depois aplicam as mencionadas regras. Para indivíduos que não praticam a variação, isto é, só têm [w] na referida posição, a regra foi alçada para o componente lexical, configurando-se como lexical pós-cíclica. Assim, a vocalização é lexical e pós-lexical.

Dentro da perspectiva apresentada acima, a abordagem de Mateus e d'Andrade seria pertinente, pois, uma vez que a vocalização é praticamente categórica em todo o país, essa teria aplicação lexical

(pós-cíclica, aplicando-se apenas depois da palavra pronta) e, portanto, poderíamos dizer que a semivogal faz parte do núcleo; por outro lado, a lateral velarizada seria associada à coda apenas no nível pós-lexical (pois alguns indivíduos possuem as duas variantes), ou seja, esperaria pela ressilabação, que ocorre quando da combinação de palavras, realizando-se, quando seguida de vogal, como [l] alveolar.

2º Além disso, o fato de palavras como *perspectiva*, *solstício*, *interstício* tenderem a se manifestar como *perspectiva*, *sostício*, *intestício*, com o deslocamento de S para a primeira posição da coda (conforme atesta Bisol (1999) com relação à palavra *perspectiva*), e palavras como *claustro*, *austral*, *austero*, *auscultar* se manterem inalteráveis contribuiria para que se considerasse que a segunda vogal do ditongo e a primeira consoante dos encontros /l/ ou /r/ + S ocupem posições diferentes na representação da sílaba.

Entretanto, ainda acreditamos que /l/ pós-vocálico, realizando-se como /l/ velar ou como [w], ocupe a posição de coda. A lateral, quando vocalizada, forma, juntamente com a vogal do núcleo, um ditongo, que, conforme Bisol (1999), poderia ser analisado como um núcleo ramificado. A referida autora apresenta duas evidências que sustentam o postulado da rima ramificada: a) o português não possui, no seu sistema fonológico, vogais longas, que, com a forma de *oo*, *ee*, *aa*, etc., estariam repetindo uma posição de núcleo; b) o português não possui rima constituída da seqüência VGL (vogal, glide, líquida); portanto, o glide deve ocupar a mesma posição estrutural da líquida na coda.

3 Considerações finais

No que se refere à variação, estamos dando continuidade ao nosso estudo variacionista fazendo levantamento de outras cidades ainda não estudadas pelo projeto VARSUL (Curitiba, Lages, Irati).

Com relação aos questionamentos sobre a estrutura silábica da lateral pós-vocálica, podemos perceber que as análises sobre a silabificação em português diferem entre si sob diversos aspectos. A comparação entre estas análises é dificultada porque elas partem de pressupostos teóricos distintos. Pretendemos aprofundar mais ainda esta discussão.

Referências

ALTENHOFEN, C. V. et al. *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFGRS; Editora da UFPR; Editora da UFSC, 2002. v. 2: Cartas Fonéticas e Morfossintáticas.

BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Gramática do português falado*. São Paulo: FAPESP, 1999.

- COLLISCHONN, G. Resyllabification of laterals in Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese linguistics*, v. 2, n. 2, 2003.
- COSTA, C. F. *Fonologia Lexical e controvérsia neogramática: análise das regras de monotongação de /ow/ e vocalização de /l/ no PB*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- DAL MAGO, D. O comportamento do /l/ pós-vocálico no Sul do país. *Working Papers in Linguistics*, v. 2, 1998.
- ESPIGA, J. *O Português dos Campos Neutrais*. Um estudo sociolinguístico da lateral posvocálica nos dialetos fronteiriços de Chuí e Santa Vitória do Palmar. Porto Alegre: PUCRS, 2001.
- GIRELLI, Carl A. *Brazilian Portuguese Syllable Structure*. 1988. Tese (Doutorado) – University of Connecticut, 1988.
- MATEUS, M. H. M.; D'ANDRADE, E. *The phonology of portuguese*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- TASCA, M. *A lateral em coda silábica no Sul do Brasil*. 1999. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- LOPEZ, B. S. *The sound pattern of Brazilian Portuguese (Cariocan dialect)*. 1979. Tese (Doutorado) – University of California, Los Angeles. Ann Harbor: University Microfilms International, 1979.
- QUEDNAU, L. (1993) A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear. In: LEFFA, V. (Ed.). *TELA. Textos em lingüística aplicada*. Pelotas: Educat, 2000.
- SELKIRK, E. In: GOLDSMITH, J. (Org.). *The Handbook of Phonological Theory*. London: Basil Blackwell, 1995.
- VIGÁRIO, M. *The prosodic word in European Portuguese*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.